

Primeira parte - O Cebrap nos anos 70

Crise e redefinições (1979-)

Bernardo Sorj

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SORJ, B. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo: da resistência à ditadura ao governo FHC* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. O Cebrap nos anos 70: Crise e redefinições (1979-). pp. 76-81. ISBN: 978-85-99662-47-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

VI. Crise e redefinições (1979-)

Se a genealogia do Cebrap remonta aos anos 50 e o projeto de criar um instituto de pesquisa preexistiu ao AI-5, sua criação foi resultado direto da perseguição do regime autoritário e da resistência à repressão. O Cebrap formou portanto sua identidade tendo como alicerce central a vontade de seus membros de sobreviver academicamente no Brasil, mantendo vivo o pensamento crítico nas condições difíceis que se seguiram ao AI-5.

Essa identidade básica permitiu importantes realizações, mas era insuficiente para assegurar a transformação da produção intelectual do grupo numa escola de pensamento. Ainda assim as transformações sociais produzidas pelo “milagre econômico”, e a derrota da esquerda política primeiro, e armada depois deram lugar a um rico trabalho de reflexão. A repressão isolou e unificou boa parte dos cientistas sociais em torno da luta pela democracia e criou as condições para a dedicação sistemática ao trabalho intelectual. Em geral, os fracassos favorecem a reflexão crítica e as vitórias conduzem a um pensar apologético menos criativo.

A partir de 1979 o Cebrap passa a sofrer o impacto de transformações políticas e culturais, que por sua vez aguçam os problemas internos preexistentes, de identidade e de reprodução institucional a longo prazo. O fator de maior impacto sobre o cotidiano do Cebrap, na época, foi a criação do novo sistema partidário. O Centro se divide entre simpatizantes do PMDB e do PT. Esta divisão, anos mais tarde, perderá parte da rigidez e do sentimento de confrontação dos primeiros tempos. Porém, naquele momento, teve um importante efeito erosivo, dividindo a instituição num contexto que precisava particularmente de um esforço criativo de conjunto.

O segundo fator implosivo foi a anistia e a reintegração dos pesquisadores do Cebrap no sistema universitário. De fato, já nos últimos anos do governo Geisel, membros do Cebrap tinham se reintegrado à função docente na PUC e na Unicamp. Com o retorno de pesquisadores à USP, embora sem abandonar o Cebrap, deu-se uma grande queda da dedicação de tempo de trabalho ao Centro. É verdade que, posteriormente, com a crise da universidade, a dedicação e as esperanças depositadas no retorno ao ensino se viram em grande medida frustradas, porém uma maior dedicação ao Cebrap apresentava-se igualmente problemática. A abertura aumentou os espaços de participação intelectual e política e os membros do Cebrap se lançaram nas mais diversas atividades. Essas atividades, realizadas porém a título individual, não deixavam de ter conseqüências no sentido de uma menor dedicação e o esvaziamento crescente do Centro.

Mas, como vimos anteriormente, além da dinâmica institucional, o que tinha se modificado profundamente era o contexto político e social. O marxismo dos fundadores do Cebrap era particularmente adequado para analisar uma sociedade em plena expansão capitalista, no qual as mudanças sociais apontavam na direção de tendências similares às dominantes nos países capitalistas avançados. À medida que a estagnação econômica vai se instalando no país, a partir do final dos anos 70, voltam à superfície características sociais e culturais do passado. *Como se em épocas de estagnação voltassem a se impor, ou pelo menos fossem mais claramente percebidas, as estratégias de sobrevivência, os padrões de sociabilidade e os valores culturais atrelados ao passado.*

A partir da segunda metade dos anos 70 começa a saída de membros do staff. Octávio Ianni é o primeiro a deixar o Cebrap, considerando que este não mais cumpria sua missão específica de resistência à ditadura. Bolívar Lamounier, que se projetava como elemento importante da nova geração, abandona o Cebrap para criar um outro centro de pesquisas, o IDESP. Posteriormente, com a eleição de Franco Montoro para o governo de São Paulo, Fernando Henrique Cardoso assume a vaga de suplente para o Senado, José Serra se torna secretário de Planejamento do estado de São Paulo

e Carlos Estevam Martins e Vilmar Faria participam da direção de um organismo público.

O processo de esvaziamento do Cebrap apresenta caráter mais drástico na medida em que se dá num contexto de consolidação de uma nova geração de cientistas sociais e de novas linhas de pesquisa. Nessa nova realidade o Cebrap se transforma em mais um centro de referência intelectual, que deve agora lutar por um espaço específico. Esse deslocamento institucional se dá conjuntamente com mudanças no campo intelectual. A democracia, as eleições, o debate sobre a crise do marxismo passam a concentrar a atenção intelectual.

O pluralismo intelectual, a falta de compromissos com grupos ou organizações específicas, a indeterminação temática, fatores que foram importantes na viabilização do Cebrap nos anos de repressão, parecem tornar-se, na abertura, contra ela.

Os problemas do Cebrap se viram agravados por duas características particulares. A primeira se refere à incapacidade de consolidar uma estrutura de crescimento e absorção geracional. O grupo sênior sempre teve dificuldades de dividir as posições de poder com a nova geração. A segunda característica reside em que o Cebrap não chegou a consolidar uma única escola de pensamento. Isto é, não criou uma teoria ou proposta analítica dentro da qual novas gerações de pesquisadores pudessem dar continuidade intelectual ao projeto original. Por outro lado, o Cebrap não apresentou uma proposta institucional específica, orientada por objetivos político-intelectuais definidos, dentro de um contexto de vida democrático. Foi nessa direção que se orientou o modelo do Cedec, onde a inexistência de uma proposta teórica foi parcialmente substituída por um conjunto temático que objetiva avançar fins políticos.

Foi neste último sentido que, inicialmente, se orientou o Cebrap, em particular sob o patrocínio do grupo majoritariamente pró-PT, dando cursos a lideranças populares. Na mesma direção foram criados os *Novos Estudos Cebrap*, depois da desapareição, de fato, da revista *Estudos Cebrap*. Ambas as propostas tiveram impacto importante porém limitado. Os cursos, embora formando um grupo importante de pesquisadores, não chegaram a ter maior longevi-

dade. A revista, com artigos diversificados e editoriais de atualidade, embora de interesse intrínseco, não chega a delimitar uma identidade institucional.

O Cebrap, em 1981, ainda possuía um enorme capital intelectual e institucional e era, possivelmente, a instituição brasileira de pesquisa em ciências sociais com maior reconhecimento e contatos internacionais. Vários de seus pesquisadores formam parte do pessoal mais qualificado e criativo das ciências sociais brasileiras. A definição de uma identidade específica se choca porém não só com o acúmulo de desencontros internos, como com uma crise maior do conjunto das ciências e cientistas sociais no Brasil.

A organização do Partido dos Trabalhadores, a atuação no seio do PMDB e nos movimentos sociais e sindicatos esvaziam igualmente a universidade como centro de atuação e debate ideológico. Os intelectuais que queriam seguir mantendo uma influência política direta tiveram que se ligar a organizações partidárias e sindicais e aos novos fóruns de debate político — em particular a grande imprensa —, todos eles à margem da vida estritamente acadêmica.

Assim, os cientistas sociais, com a democratização, tiveram um sentimento de perda de função social. Para uma geração acostumada a ter (ou a pensar que tem) um papel societário importante, apresenta-se uma espécie de vazio existencial. Sem dúvida, existem aqueles que escolhem participar diretamente de outros tipos de atividades como jornalismo, política etc. Isto porém não faz mais do que aprofundar a crise de auto-identidade das ciências sociais. O que são opções individuais válidas, adquirem uma dimensão problemática do ponto de vista da comunidade acadêmica. À medida que desaparece a distância entre jornalismo e/ou assessoria técnica e o trabalho acadêmico, este último tende a dissolver-se e perder sua identidade. Na sociedade moderna, em que os conceitos científicos são rapidamente disseminados, o trabalho acadêmico só mantém sua identidade própria pelo seu caráter de reflexão sistemática e de pesquisa de ponta.

A polivalência profissional dos cientistas sociais não só expressa a procura de transcendência social e/ou a complementação do

ingresso, como os problemas da sociedade brasileira de formação de quadros qualificados. O processo de modernização acelerado que viveu o Brasil criou uma defasagem entre a demanda e a oferta de quadros intelectuais, cujo processo de maturação tem um ritmo mais lento que o da expansão da economia e dos meios de comunicação de massa, ou mesmo das organizações de representação política. Nesse contexto os cientistas sociais, especialmente os mais qualificados, sofrem pressões constantes para suprir as carências de outras áreas da sociedade.

Outra dimensão da crise é o esvaziamento dos cursos de ciências sociais, tanto ao nível da queda da demanda por parte dos grupos mais qualificados dos estudantes, como da dificuldades do corpo docente de redefinir os programas de ensino dentro de uma agenda adequada aos novos tempos. O discurso crítico e contestatório, de fácil e simples articulação, entrou em crise, incapaz de acompanhar as sutilezas da nova situação. Os ciclos básicos, como núcleos de articulação e devoção ideológica, entraram em decomposição já antes de serem questionados pelos organismos superiores de ensino universitário.

Além dessa situação conjuntural, agem outras forças mais estruturais no sentido de obstruir a constituição de um corpo de cientistas sociais dedicados primordialmente ao trabalho científico. Particularmente, como já indicamos, um fator cultural difuso mas nem por isso menos relevante, que são as barreiras à formação de uma individualidade orientada por valores centrados na especificidade do trabalho científico e sua forma particular de inserção na sociedade. Em certo sentido está em jogo a formação de um espírito científico capaz de acreditar no valor do trabalho cognitivo realizado apesar do pouco impacto imediato ou mesmo de sua impopularidade.

Talvez seja quimérico querer repetir no Brasil modelos institucionais que, inclusive nos próprios países avançados, estão sendo reformulados. Ao veicular imagens do mundo social, as ciências sociais se comprometem necessariamente com os embates políticos da sociedade. O equilíbrio entre o campo de autonomia do trabalho

científico, orientado por normas e mecanismos próprios e específicos de controle, controvérsia e convivência, e as outras esferas da vida social é precário e delicado. A questão não é portanto ignorar as inter-relações, mas definir o sentido da aposta: na direção de um maior espaço próprio de desenvolvimento das ciências sociais ou no atrelamento a outras instituições sociais e à anulação de seu campo específico de ação.

A crise da utopia socialista, em particular na sua versão marxista, pelo menos para as ciências sociais, deve ser vista como um processo moralmente libertador, no sentido de que a crítica social não pode mais ser fundada na crença de que se sustenta na inexorabilidade da história e na certeza de que são os “fatos” que mais cedo ou mais tarde darão razão aos que lutam por um mundo mais solidário. Os tempos são outros, mais difíceis, pois não facilitam estratégias confusas onde a ética se refugiava na ciência. Nesse novo contexto a experiência do Cebrap, e sua tentativa de delimitar as relações entre a investigação intelectual e o engajamento político, poderá ajudar a iluminar os rumos de novas gerações de cientistas sociais.